

1º PRÉMIO EUROPEU HELENA VAZ DA SILVA PARA A DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

- TEXTO-BASE DA INTERVENÇÃO -

CLAUDIO MAGRIS, O ALFABETO DO MUNDO...

Por Guilherme d'Oliveira Martins

«Se me fosse permitido escolher uma só página da literatura para lançar no espaço em testemunho da humanidade, escolheria o monólogo de Antígona, de Sófocles». Todos nos lembramos da intensidade dessas palavras, ditadas pelo amor e pela revolta. Quem o disse foi Claudio Magris, recentemente galardoado com o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural. A referência a Antígona não é casual, é um símbolo de ligação entre a humanidade e a memória, entre a justiça e a verdade. Magris é um escritor consagrado. Nasceu em Trieste, cidade que viveu o drama dos conflitos europeus. Os seus ensaios partem da literatura e correspondem à reflexão permanente sobre a relação com a memória. O que está em causa é a consideração do património cultural como causa comum, como direito e dever, como lembrança e criação. Ao longo dos seus escritos tem encarado esse múnus pátrio como muito mais do que os monumentos e os vestígios materiais, mas como a vida, enquanto relação com a natureza e como as pessoas. O património cultural não é apenas constituído pelas pedras e pelos monumentos, mas pela gente, pela história, pelas línguas, pelos costumes e pelas tradições.

Não esqueço o dia já distante em que o meu amigo Marcello Duarte Mathias me falou da impressão fascinante deixada pelo «Danúbio», obra-mestra de Magris, exemplo de viagem iniciática desde as origens, uma fonte, uma torneira, até aos destinos do drama e da esperança, da tragédia e da ilusão de todo um continente que é o nosso. Como podemos ficar indiferentes relativamente a esse percurso atribulado da geografia à literatura, dos monumentos aos hábitos, das pessoas e dos símbolos, das vozes e dos silêncios? «Onde vos dirigis?», perguntam os viajantes numa das obras-primas de Novalis, lembrada pelo autor em «Alfabetos» (Quetzal), última tradução saída entre nós. E a resposta é: «Sempre rumo a casa!». Eis-nos perante o múnus pátrio. «Esta odisseia sem retorno a Ítaca é a viagem, o destino mais frequente dos Ulisses modernos». E que é o culto, a defesa e a divulgação do património cultural senão essa aventura de rumar a casa, encontrando mil caminhos e descobrindo a diversidade e a força das raízes? Claudio Magris vive com intensidade o imaginário europeu, sendo cidadão de um lugar onde a guerra terminou muitos anos depois de ter formalmente encerrado. Trieste está no centro da Europa, mas

compreende o sul e o norte, e tem a lembrança de muitos mares, como aconteceu como jovem Enrico Mreule, helenista e filósofo, em «Um Outro Mar», que partiu para a Argentina, deixando a sua Gorizia natal a chamar por si, onde ficou o genial poeta Michelstaedter. «Na desconexa e conflituosa multiplicidade da vida, o indivíduo apercebe-se de que é apenas uma precária e provisória cristalização (dos) conflitos e descobre que já não lhe é possível desejar não ter mais nada sobre que se possa debruçar com amor e nostalgia».

Lisboa está na outra ponta europeia, mas miticamente ligada a Ulisses, e é um lugar de outros mares. Manuel Poppe invoca a ligação portuguesa, em nota a «Ilações sobre um Sabre»: «o triestino, o triestino ensaísta e criador, poeta e analista enquanto subia as ruas de Alfama, as do Bairro Alto e via – e, se não via, adivinhava-o – o Tejo, lá em baixo, recordava o golfo da própria cidade» (cidade de Svevo e Saba, lembramos nós), mas também «o casario da cidade velha e pensava que o cossaco fugitivo (o general Krasnov) poderia ter enterrado o sabre naquele mar. (...) E em Lisboa viu, provavelmente, as pessoas à procura das qualidades, das particularidades, do próprio perfil, com a obstinação, a teimosia e a honestidade que o caracterizam a ele, Claudio Magris». A obra do ensaísta de Trieste é uma invocação permanente da viagem, é o gene de Ulisses que está vivo. Mas não é uma viagem imaginária, e sim uma peregrinação de vida, de raízes, de tradições, de valores comuns. E quando falamos de património comum, perguntamo-nos de que cultura é o templo dos Balcans que foi sinagoga, igreja ortodoxa ou romana e mesquita? Temos, no fundo, de entender que é património comum, sinal de unificação, como encontramos no monólogo de Antígona. E, assim, ao chegar ao fim da viagem do Danúbio, e de percorrer toda a história europeia, de guerra e paz, de conflito e entendimento, o viajante, o peregrino, o cultor da palavra invoca Biagio Marin: «Fa che la morte mia, Signor, la sia como l'scòre de un fiume in t'el mar grande». É o futuro da Europa que aqui se encontra, como encruzilhada de elementos contraditórios. Como não ter dúvidas sobre um futuro comum europeu? Magris é crítico. Fala-nos de falta de audácia. E não deseja um futuro uniforme, mas sim um caminho de diferenças e de compreensão de que a vida tem de partir e aceitar os conflitos e de encontrar capacidades para os entender e regular – de modo a pôr a dignidade das pessoas no lugar central. Hoje movemo-nos, deslocamo-nos, encontramos-nos, deixamo-nos fascinar pelas diferenças, mas sabemos que há uma pequena luz bruxuleante que nos espera, no aconchego da nossa diferença. E «há, principalmente, uma lição na Bíblia necessária a toda a liberdade individual e coletiva: a da anti-idolatria. (...) O ser humano torna-se escravo quando é escravo de qualquer ídolo, quando exalta, como sendo absoluto, um valor terreno, histórico e relativo».

No último livro que nos deixou, Helena Vaz da Silva usou o título significativo «Incitações para o Milénio» (2001). Aí nos alerta para o movimento, para a atenção e para o cuidado. Temos de regressar a essa leitura, que muitos esqueceram. Este primeiro prémio, criado pela Europa Nostra e pelo Centro Nacional de Cultura, procura dar o sinal nítido de que não há cultura sem capacidade de perceber a incerteza e a complexidade, que exige a audácia inovadora e o sentido crítico. E, em tempo de crise, importa encontrar o modo de realizar, de ser criador, de ser fator de paz e de justiça. Só a exigência, a vontade, a dúvida, o entendimento dos limites podem ajudar-nos. Claudio Magris ensina-nos a encontrar na

memória um sinal de vida e de futuro. Edgar Morin exige-nos que entendamos a importância da metamorfose, estando de sobreaviso perante todas as ameaças sub-reptícias que procuram limitar a autonomia, a liberdade e a dignidade. Uma nova narrativa europeia obriga à busca de valores comuns, à preservação das diferenças e sobretudo a que não haja ilusões sobre qualquer futuro idílico. A liberdade nunca está adquirida. A paz nunca está conquistada. A virtude nunca nos protege da perversão. «Por detrás das coisas, tal como são, há também uma promessa. A exigência do que elas deveriam ser; sempre a potencialidade de uma outra realidade (diz Magris, em «Utopia e Disincanto») que se esforça para vir à luz, como a borboleta na crisálida». E afinal não será o desencanto uma forma irónica, melancólica e aguerrida de esperança?